

A Mulher e o Cinema: Uma Breve Análise da Representação Feminina na Era de Ouro do Cinema Americano¹

Caroline Gomes Rocha²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

O objetivo do presente artigo é analisar, de forma breve, a representação da mulher no contexto do cinema hollywoodiano do período compreendido entre as décadas de 1920 e 1960, conhecido como a era de ouro do cinema americano. Por meio de considerações gerais, as características dos papéis femininos desempenhados na época serão aqui elucidadas, utilizando as principais atrizes das respectivas décadas como forma de exemplificação.

Palavras-chave: cinema hollywoodiano; papel feminino; representação; mulheres.

Introdução

A data de surgimento do cinema é atribuída a 28 de dezembro de 1895, quando os irmãos Lumière realizaram a primeira projeção pública paga de um filme, no Salão Grand Café de Paris. Apesar de não possuir som ou cores, a exibição foi um sucesso e não demorou muito até que, por volta de 1907, o cinema passasse a desenvolver uma organização de forma industrial, estabelecendo uma maior especialização das etapas de produção e exibição, com o principal objetivo de tornar as narrativas desenvolvidas nos filmes mais inteligíveis e atrativas.

O cinema, enquanto criação burguesa, era praticado majoritariamente por homens, o que implicava em filmes estritamente produzidos pela ótica masculina e para um público predominantemente masculino. Por essa razão, a representação da mulher era objetificada: ela existia como um alvo passivo para o olhar ativo do homem, o que

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante do Curso de Jornalismo da UFC, E-mail: carolinegrocha@outlook.com.br.

orientava seu lugar simbólico na narrativa, como afirma Laura Mulvey em seu livro *Prazer Visual e Cinema Narrativo*, de 1975.

Ann Kaplan, em sua obra *A Mulher e o Cinema: Os Dois Lados da Câmera* (1995), afirma que o papel da mulher no cinema hollywoodiano no período de 1930 até a atualidade pode ser dividido em três tipos: a mulher cúmplice, que renuncia aos seus sentimentos pessoais e a sua realização individual, assumindo por vezes uma postura frágil; a mulher resistente e independente, que coloca sua realização pessoal em primeiro plano e luta para alcançá-la; e a mulher pós-moderna que, já tendo conquistado a liberdade desejada, está preparada para enfrentar as novas questões que podem surgir no futuro.

Ainda segundo Kaplan (1995), os signos do cinema hollywoodiano são carregados de uma ideologia patriarcal que sustenta as estruturas sociais e que constrói a mulher de maneira específica, refletindo as necessidades desse patriarcado.

Tendo em vista essas observações, o presente trabalho propõe-se a analisar o contexto e as características dos papéis representados pelas mulheres no cinema hollywoodiano entre a década de 1920 e a de 1960, período conhecido como a era de ouro do cinema americano.

A mulher no cinema hollywoodiano

Durante o período de ascensão inicial da indústria cinematográfica norte-americana, compreendido entre 1908 e 1918, a figura feminina representada pelo cinema era, em geral, extremamente limitada. Os papéis desempenhados por mulheres variavam entre o de mãe, dona de casa e esposa e o de mulher perseguida e em perigo, que seria resgatada pelo protagonista herói.

Com a deflagração da Primeira Guerra Mundial, o centro da produção de filmes em ampla escala deslocou-se da Europa para os Estados Unidos, mais precisamente para Hollywood. Com o intuito de potencializar o crescimento dos recém-criados estúdios, a indústria cinematográfica estadunidense investiu fortemente no fabrico de estrelas, o “Star System”³, que, segundo o autor Jean-Claude Bernardet em seu livro *O Que É*

3 O “Star System” foi um sistema de contratos exclusivos e de longo prazo assinados por atores e atrizes com determinados estúdios de Hollywood, que passavam a controlar a carreira e a imagem pública desses artistas.

Cinema (1985), foi o principal mecanismo sobre o qual se apoiou o desenvolvimento do cinema.

Vamps e gamines

No início do século XX, a estética do cinema era completamente construída em volta da ausência de som, uma vez que ainda não haviam sido descobertas formas de sincronizá-lo com a imagem. Os atores e atrizes precisavam ser expressivos a fim de conseguir transmitir os sentimentos e pensamentos dos personagens por meio de feições e gestos. Foi nesse contexto que surgiu a figura das *vamps*, personagens femininas sedutoras e misteriosas, de olhares lânguidos e expressivos, que em geral possuíam também um caráter cruel e perverso. Conhecidas como “devoradoras de homens”, as *vamps* apresentavam um visual gótico, iconizado pelo uso de maquiagem de tons escuros na região dos olhos, o que representava as noites mal dormidas dessas personagens, que eram, em geral, também adeptas da boemia. A principal *vamp* do cinema hollywoodiano foi a atriz Theda Bara, considerada um dos primeiros símbolos sexuais da indústria cinematográfica.

Figura 1 – Theda Bara



Fonte: CVLT Nation⁴.

No mesmo período, existiu também um outro arquétipo de enorme popularidade no cinema mudo: as *gamines*, figuras femininas que, por trás da aparência infantil, frágil

⁴ Disponível em: <https://www.cvltnation.com/theda_bara/>. Acesso em 16 de abril de 2019.

e delicada, escondiam, geralmente, um caráter malicioso e astuto. A principal *gamine* da época foi Mary Pickford, atriz apelidada pelo público como “a queridinha da América”.

Décadas de 1920 e 1930

No cenário pós-guerra, os Estados Unidos firmou-se na indústria cinematográfica mundial como um dos principais países produtores e exibidores de filmes e a sincronização de som e imagem tornou-se possível, dando origem ao cinema falado, que foi rapidamente absorvido pelo mercado. O gênero de maior sucesso nesse período era o Western, que iconizou a figura dos *cowboys* e retratava, em geral, as lutas americanas contra os povos indígenas. A maioria dos personagens desses filmes eram masculinos e a mulher possuía uma participação mínima, aparecendo apenas como envolvimento amoroso do protagonista, sendo o símbolo da pureza e superioridade da civilização branca, capaz de redimir o herói de toda a sua violência ao convertê-lo pela força do amor, como afirma Fernando Simão Vugman no capítulo 6, intitulado Western, do livro História do Cinema Mundial (2006), organizado por Fernando Mascarello.

Fora do gênero Western, os principais nomes desse período são os das atrizes Greta Garbo, Marlène Dietrich e Katharine Hepburn. Garbo, de origem sueca, alcançou a fama ainda antes do cinema falado, tendo sua carreira marcada pelo papel de mulher sedutora capaz de destruir casamentos e carreiras e conduzir homens à desgraça, que quase sempre envolvia-se em um triângulo amoroso com o protagonista e um personagem secundário. Marlène, de origem alemã, simbolizava a nova *vamp*, a figura da mulher fatal que seduz e engana os homens para obter o que deseja, ocupando tipicamente o papel de vilã na trama.

Já Hepburn alcançou o estrelato interpretando personagens resistentes, inteligentes e determinadas, que representavam a emancipação feminina. Foi protagonista de vários filmes, nos quais a beleza e a sensualidade não eram necessariamente as principais características de suas personagens, o que era relativamente novo na indústria cinematográfica hollywoodiana. Apesar do caso de Hepburn, a representação feminina no cinema da época era majoritariamente dependente e construída em função do homem, sendo a maioria das mulheres representadas pelos filmes, de acordo com a classificação proposta por Ann Kaplan

(1995), do tipo cúmplices, que renunciam aos seus sentimentos pessoais e realização individual em detrimento de outras questões, adotando uma posição de resignação.

Década de 1940: Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria

Com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, o cinema direcionou suas temáticas quase inteiramente para o confronto, servindo como arma de crítica ao antissemitismo e aos regimes totalitários do período. Por essa razão, tanto os papéis femininos quanto os masculinos perderam o destaque das produções, que voltou-se à crítica social.

Depois de 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, o cinema hollywoodiano dividiu-se entre a temática da Guerra Fria, com produções anticomunistas nas quais o destaque continuava sendo a crítica social, e o reaparecimento da figura da mulher sensual, que levou ao estrelato atrizes como Rita Hayworth e Ava Gardner.

É nesse período que o *film noir* deslança, caindo nas graças do público. Com o enredo de caráter policial centrado basicamente em um personagem masculino cínico, egocêntrico, insensível, desiludido e de caráter dúbio, esse gênero cinematográfico traz um retrato pessimista e cético do mundo. As personagens femininas dividem-se entre a mulher “redentora”, prestativa, confiável e amável (em geral classificada como mulher cúmplice), que é retratada no *noir* como ameaçadora por simbolizar as tentações e os perigos da domesticação do protagonista herói (Fernando Mascarello, 2006) e a bela mulher enigmática, sedutora, perversa e manipuladora, a figura da *femme fatale*⁵ (classificada como mulher resistente), que é extremamente erotizada nesse gênero.

A representação do arquétipo de *femme fatale* no *film noir* foi vista por muito tempo como uma metáfora da independência da mulher, mas, segundo algumas estudiosas do tema, em especial Kaplan (1995), trata-se de mais uma concepção de dominação do olhar masculino, que apresenta a imagem da mulher de forma masculinizada, redesenhada à imagem do homem para assim poder guiar a trama como personagem principal e não secundária.

⁵ Mulher fatal em francês.

O destaque do período é Rita Hayworth, apelidada pela imprensa como “a deusa do amor”, que é considerada o maior símbolo sexual da década de 1940 e uma das mulheres mais sensuais do meio cinematográfico. Famosa pelos números musicais que frequentemente apresentava nos filmes em que atuava, um em especial marcou sua carreira: a cena do filme *Gilda* (1946), na qual sua personagem-título canta “Put the Blame on Mame” para a plateia de um clube noturno. A imagem da atriz com um longo decote e compridas luvas transformou-se em um ícone de beleza e moda.

Figura 2 – Rita Hayworth em *Gilda* (1946)



Fonte: Allposters⁶.

Década de 1950

A indústria cinematográfica hollywoodiana dos anos 1950 investiu principalmente em filmes de caráter cômico ou musical, dentre os quais muitos apresentavam personagens femininas como principais. A maioria dessas personagens retratadas tinham o objetivo comum de encontrar um homem sensível, carinhoso e trabalhador, que não as visse apenas como um objeto sexual, e pensavam em outras perspectivas para o futuro, que não se limitassem ao trabalho doméstico e ao papel de genitora.

Hollywood buscava, à época, uma nova estrela feminina para a década, que atraísse o grande público masculino para o cinema, tendo em vista que sua até então estrela, Betty Grabe, já estava próxima dos quarenta anos. A escolhida foi Marilyn

⁶ Disponível em: <https://www.allposters.com/-sp/Gilda-1946-Posters_i13385325_.htm>. Acesso em 16 de abril de 2019.

Monroe, que mais tarde tornaria-se um dos principais ícones do cinema mundial e um dos maiores símbolos sexuais femininos da indústria cinematográfica, assumindo um valor simbólico na cultura estadunidense como referência ao “sonho americano”. A atriz, que havia iniciado a carreira como modelo *pin-up*⁷ e era até então desconhecida dos grandes estúdios, ficou famosa por interpretar personagens sensuais, atraentes e ingênuas, o que, aliado a cor que utilizava nos cabelos, acabou por criar o estereótipo de “loira burra”. Sua imagem pública era extremamente associada à sexualidade, o que era reforçado pela própria atriz por meio de diversas estratégias, como a forma de andar e as roupas utilizadas, que sempre tendiam a expor grande parte do corpo.

Figura 3 – Marilyn Monroe no filme Os Homens Preferem as Loiras (1953)



Fonte: Flickr⁸

Outro importante nome da época é o da atriz Doris Day, que já atuava desde a década de 1930, mas só alcançou o estrelato nos anos 50, participando de diversas comédias românticas co-estreladas por Rock Hudson, nas quais interpretava o papel de mulher atraente e comportada que, apesar das investidas masculinas, mantinha-se casta. Essas personagens lhe renderam, junto ao público, o apelido de “eterna virgem”.

Década de 1960

Os anos de 1960 da indústria cinematográfica mundial foram marcados por um processo de ruptura com os padrões de produção vigentes e o surgimento dos Novos Cinemas, que apresentavam, em sua maioria, caráter de contestação social. Em

⁷ São designadas *pin up* as modelos voluptuosas, que ficaram populares na década de 40, estampando pôsteres sensuais que foram amplamente produzidos para soldados norte-americanos durante a Segunda Guerra Mundial.

⁸ Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/29069717@N02/42708196621>>. Acesso em 16 de abril de 2019.

Hollywood, essa ruptura foi representada por uma significativa mudança nos enredos, que exibiam um olhar mais liberal, e na caracterização dos personagens protagonistas, que passaram a ser mais confusos, indecisos e de objetivos geralmente indefinidos e a ocupar lugares à margem da sociedade, como delinquentes e criminosos, contrastando com as figuras heroicas e bem-sucedidas comuns à narrativa das décadas anteriores.

Essa visão mais liberal que os filmes passaram a adotar contribuiu para o aparecimento de papéis que representavam mulheres independentes e determinadas ocupando posições de protagonismo. Os três filmes mais rentáveis da década, *Mary Poppins* (1964), *Minha Bela Dama* (1964) e *A Noviça Rebelde* (1965), apresentavam personagens femininas como principais.

O filme *Bonequinha de Luxo* (1961) marcou uma mudança na representação feminina no cinema hollywoodiano de até então, apresentando no papel principal, interpretado por Audrey Hepburn, uma mulher moderna e independente, que mora sozinha, frequenta inúmeras festas, não possui vínculo familiar e não almeja o casamento, considerada uma figura imoral de acordo com os padrões de comportamento feminino da época. Baseado no livro homônimo de Truman Capote, o filme modificou alguns aspectos da história original para torná-la mais vendável, inserindo um “final feliz” no qual a personagem principal abandona a forma como vive e casa-se, uma vez que os realizadores da produção acreditavam que nem todo o público estava pronto para ver uma mulher completamente independente e feliz com sua condição de solteira, como o livro mostra.

Conclusão

Por meio da breve análise da representação feminina no cinema hollywoodiano aqui realizada, é possível perceber que as mulheres foram progressivamente conquistando mais espaço nesse meio predominantemente masculino à medida em que a sociedade mudava suas concepções morais acerca do papel feminino. Ao passo em que as mulheres deixaram o seio familiar e passaram a dedicar-se a outras atividades e almejar realizações que iam além do casamento e da vida doméstica, o cinema também passou a retratar essa nova realidade, da mesma forma como, em algumas ocasiões, a indústria cinematográfica foi responsável por introduzir na sociedade novas concepções do comportamento feminino, que acabaram por influenciá-la.

Dessa forma, o espaço ocupado pela mulheres no cinema cresceu, tornando-se mais diversificado. Inicialmente, os papéis desempenhados restringiam-se à conotação sexual ou familiar, associada ao casamento e, conseqüentemente, à figura masculina. As personagens eram, em geral, contextualizadas como frágeis e submissas ou como objetos sexuais. Com as mudanças verificadas na sociedade durante o espaço de tempo entre as décadas de 20 e 60, que incluíram a Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, essas concepções persistiram, entretanto, surgiram também demonstrações de um novo viés feminino, mais independente, seguro e responsável pelo próprio futuro, no qual o casamento deixa de ocupar necessariamente a posição de principal objetivo de vida.

Referências

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema?**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 128p.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. 1ª ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2006. p. 159-188, 333-394.

KAPLAN, Elizabeth Ann. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Trad. Helen Márcia Potter Pessoa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 43-60. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/ann-kaplan-a-mulher-e-o-cinema-os-dois-lados-da-camerapdf.html>>. Acesso em: 09/01/2019.

MULVEY, Laura. **Prazer visual e cinema narrativo**. Trad. João Luiz Vieira. In: Xavier, Ismail (org.). *A experiência do cinema*. Rio de Janeiro: Edições Graal/Embrafilme, 1983. p-437-453. Disponível em: <<http://documents.tips/documents/livro-ismail-xavier-a-experiencia-docinema-pdf.html>>. Acesso em: 10/01/2019.

GALETTI, Camila C. H. **Mulher e cinema: a representação do feminino no cinema brasileiro (1958-1965)**. Paraná: Departamento de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, 2012. 10p. Disponível em: <http://www.dcs.uem.br/xseminario/artigos_resumos/gt6/x_seminarios_gt6a2.pdf>. Acesso em: 09/01/2019.

CARDOSO, Tatiana Cristina; FREITAS JUNIOR, Edson Ferreira de. **Cinema hollywoodiano: a imagem da mulher sob o olhar da lente masculina**. Goiás: II Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí – História e Mídia, 2011. 13p. Disponível em: <<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2011/link%2079.pdf>>. Acesso em: 15/01/2019.

RODRIGUES, Fabiana. **O papel da mulher no cinema brasileiro contemporâneo**. Paraná: 8º Congresso LUSOCOM, Universidade Tuiuti do Paraná, 2009. 13p. Disponível em: <<http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/lusocom/8lusocom09/paper/viewFile/121/96>>. Acesso em: 10/01/2019.

SILVA, Márcia I. de Lima; VITÓRIA, Leticia da Silva. **Holly Golightly: uma análise de personagens femininos**. Rio Grande do Sul: Departamento de Letra, UFRGS, 2012. 7p. Disponível em: <<http://www.wwlivros.com.br/Ijornadaestlit/artigos/comparada/VITORIALeticiaSilva.pdf>>. Acesso em: 28/01/2019.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem: representação da mulher no cinema**. Rio Grande do Sul: Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, 2009. 13p. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/113/104>>. Acesso em: 23/01/2019.